

A PELEJA DA PEDAGOGIA DA IGNORÂNCIA CONTRA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS CRÍTICOS

Miguel Soares Lima ¹

Joel Vieira de Araújo Filho ²

Francisco Nairon Monteiro Júnior ³

RESUMO

Em nossa sociedade, periodicamente, surgem problemas que afetam a vida dos cidadãos e que não são denunciados, enraizando-se ao longo da história. Um desses problemas é a Pedagogia da Ignorância, que é definida como a negação à pedagogia crítica, fundamentada em Paulo Freire, Ferdinand Röhr e outros. Podemos definir a “ignorância” dentro da pedagogia como a recusa à análise crítica, por não aceitá-la ou por não entendê-la, causando distanciamento entre o indivíduo e aquilo que se estabelece legitimamente num grupo social. É notável que o perigo como o do tema em questão exista e afete comunidades inteiras, e que não é trazido à tona, impossibilitando seu combate. Neste estudo apresentamos exemplos oriundos de uma revisão realizada na ferramenta de busca do ‘google’, utilizando o termo de busca “prática ignorante”, a fim de mostrar como tal pedagogia se manifesta, se esconde e como identificá-la, num esforço de suma importância para a defesa de uma educação de qualidade e para o combate a uma prática ignorante. Dentre os resultados encontrados, destacam-se atitudes de recusa à informação, como o de uma prefeita de um município do estado de São Paulo que jogou fora livros que foram doados à biblioteca municipal, outro de manipulação de imagens, criando padrões que moldam a forma como as pessoas se enxergam. Um terceiro exemplo que destacamos em nossa pesquisa, se refere às salas temáticas e como esses espaços influenciam na formação dos educando que consomem aqueles espaços. A análise dos dados, à luz dos pensamentos de Saviani e de Freire apontou que a educação será o caminho contra marginalização do conhecimento e do indivíduo. Contudo, neste caminho de criticidade, é necessário ter cuidado com a sua própria crítica, até porque “A crítica fácil, ligeira, se alastra irresponsável e, não raro, se perde no tempo.”

Palavras-chave: Pedagogia da Ignorância, Paulo Freire, Dermeval Saviani, Negacionismo.

INTRODUÇÃO: O QUE DEFINE UMA PEDAGOGIA DA IGNORÂNCIA?

A Pedagogia da Ignorância pode ser vista como uma forma de ensino onde fatos e verdades cruciais para o desenvolvimento do indivíduo são negligenciados ou deixados de lado, resultando em alienação e falta de reflexão. Dentro dessa ideia, o professor se torna o principal condutor dessa prática, já que sua forma de ensinar e sua abordagem moldam o caminho do aprendizado. Para Röhr (2007, p.57), o educador

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, miguel.04.soares@gmail.com;

² Doutorando da Rede Nordeste de Ensino – RENOEN, Polo Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, joelvieirafilho30@hotmail.com;

³ Professor orientador: Doutor, Departamento de Educação - UFRPE, naironjr67@gmail.com.



precisa priorizar a educação acima de tudo, deixando de lado questões ideológicas, políticas ou religiosas, focando na formação acadêmica e no pensamento crítico do aluno. Em contraste, Freire (1996, p.33) defende que a educação deve incentivar a curiosidade crítica e a busca por conhecimento, o que se opõe diretamente à pedagogia da ignorância.

No mundo de hoje, a tecnologia tem um papel de dois lados. Por um lado, ela oferece benefícios como maior acesso ao conhecimento, inclusão social, comunicação e a aplicação prática do que se aprende. Por outro lado, seu uso inadequado pode prejudicar a formação, gerando dependência e superficialidade. Ferramentas como Inteligências Artificiais, smartphones e jogos virtuais poderiam ajudar na educação, mas muitas vezes são usadas de maneira prejudicial. Como destacam Vassali e Janissek-Muniz (2022) e Zanzotto (2019), a IA traz perigos como a automação, a perda de empregos e o aumento das desigualdades, além de questões éticas sobre dados pessoais e preconceitos nos algoritmos (Garcia, 2020; Leonardo, 2023).

Dentro dessa lógica, a tecnologia pode fortalecer a pedagogia da ignorância ao afastar o estudante do pensamento crítico, tornando-o dependente de soluções rápidas e superficiais. Byung-Chul Han (2022, p.106) descreve essa situação como uma “caverna digital”, onde as pessoas estão presas em um excesso de informações que impede a busca pela verdade, numa comparação com a Alegoria da Caverna de Platão. Segundo Pereira (2011, p.69), cada um deve superar seus medos e encontrar sentido em seu mundo, mas, hoje em dia, a tecnologia se torna uma barreira a essa liberdade. Desse modo, a pedagogia da ignorância usa os recursos tecnológicos como ferramentas de manipulação e alienação, reforçando sua presença no cenário educacional atual.

METODOLOGIA: ONDE SE ENCONTRA E SE APLICA?

Para identificarmos a prática educacional em questão, devemos estar atentos a como ela é aplicada, pois toda prática tem sua aplicação única, seus objetivos únicos e se diferenciam pelo viés em que o educador coloca essa prática, ou seja, o que o ele coloca como o ideal principal para transmitir e obter o que se deseja através da sua própria atuação. Aprofundando o tema, “Essas similaridades são mais bem compreendidas a partir da diferenciação proposta por Carr (1996) entre o conceito de



Além de sua aplicação, é importante destacar onde podemos encontrar essa prática pedagógica, onde podemos nos guiar por duas referências: o espaço material e o espaço imaterial. Percebemos que, quando nos referimos ao espaço material e assumimos a prática educacional como algo não se limita a matéria, logo, concluímos que a pedagogia da ignorância pode alcançar os mais variados locais: seja nas escolas, nas universidades, nos institutos educacionais, nos cursos, etc. Ou seja, ela transcende os limites físicos dos espaços materiais da educação. Entretanto, vemos sim que existem influências destas práticas no espaço palpável, como: descarte e recusa de livros, onde se privam livros que seguem certa linha teórica, limita o acesso dos estudantes a esses livros ou simplesmente, descarta-os¹; o uso da manipulação visual como ferramenta para atingir seus interesses de autoridade intelectual²; a negação e interrompimento da prática de uma sala tematizada, que acolhe o estudante e que deixa o registro de uma educação tangível e concreta na trajetória do mesmo³; dentre outras práticas (podemos ver exemplos de cada caso citado, consecutivamente, nas referências abaixo).

Nesta sessão, apresentamos e analisamos, à luz da fundamentação teórica acima da descrita, alguns exemplos de notícias, veiculadas na internet de como tal pedagogia tem se asseverado nos últimos tempos.

[illegible]

Prefeita joga fora livros doados a biblioteca em SC: 'Porcaria'

Thiago Bomfim • Do UOL, em São Paulo

18/04/2024 18h41 ⌚ Atualizada em 19/04/2024 08h23



Exemplo 2

“A manipulação de imagem molda nossa sociedade de maneiras profundas. Desde a criação de padrões de beleza inatingíveis até a influência nas percepções da realidade, a prática levanta questões críticas sobre seu papel na formação da cultura visual contemporânea.” (Revista Instaarts)

Exemplo 3

Os espaços escolares produzem em nós momentos de diferentes experiências, tudo o que neles vivenciarmos produzirá em nós marcas. Raffaelli; Soto (2013) afirmam que teremos corporalmente, no decorrer de nossa trajetória educacional, impregnados valores de diferentes espaços os quais irão nos deixar registros corporais que jamais esqueceremos. Nas salas de aula podemos observar um espaço rico em materiais didáticos-pedagógicos professores competentes usando diversas ferramentas para a construção da aprendizagem dos alunos. As salas de aula ainda propiciam o lúdico para os seus alunos, pois dentro da sala de aula há diversos espaços para a recreação, esses métodos fortalecem a sua criatividade e desempenho na sala de aula, tornando as aulas prazerosas. (SALAS TEMÁTICAS: ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGEM, Chariane Bagega, Marina Boni, Alexandra F. Raffaelli)

Consecutivamente, quando falamos sobre o espaço imaterial em que encontramos essa prática ignorante, temos diversos exemplos, como: o discurso utilizado, a cultura predominante, o debate imposto no ambiente, a didática utilizada, etc. Entretanto, é importante destacar que a prática em questão se desenvolve e se propaga nas entrelinhas da educação, ou seja, não será evidente na maioria dos casos. Por isso, é importante que tenhamos mais educadores críticos orientando mais educandos a serem



críticos, para que os mesmos consigam identificar essa prática, denuncia-la e transforma-la em uma prática educacional de qualidade. E para que essa demanda seja atendida, temos que ter em mãos uma forma de propagação de um projeto de educação-progressista: “Passou-se a valorizar os processos de aprendizagem em grupos e a dar-se grande importância aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos. Passou-se ainda a falar de uma nova cultura organizacional que, em geral, exige a aprendizagem de habilidades extraescolares” (Gohn, Educação Não-Formal e Cultura Política, 1999, p.92). Estamos nos referindo a educação informal, que pode ser uma poderosa ferramenta de propagação de uma educação-progressista e do incentivo ao desenvolvimento crítico, e que em alguns casos, pode ser também utilizada como forma de propagação da pedagogia da ignorância. Cabe a nós, defensores de uma educação libertadora e crítica, ocuparmos nossos espaços dentro das organizações educacionais já existentes e buscarmos ainda mais formas de alcançar cada mente crítica do nosso campo educacional. “Para tanto, é muito importante que saibamos escutar não apenas as falas. Ou seja, devemos desenvolver capacidades e habilidades no campo da linguística e buscar captar os conteúdos motivacionais ideológicos, bem como emocionais/cognitivos” (Gohn, Educação Não-Formal e Cultura Política, 1999, p.107). Assim, devemos ser plurais, coletivos, atuantes e principalmente, devemos dar atenção a educação em suas diferentes práticas e em seus diferentes contextos sociais.

A informação, sendo o principal instrumento da educação, é crucial nesse percurso, mas também suscetível à manipulação, especialmente em plataformas de notícias e redes sociais, diferentemente dos livros didáticos, que são mais rigorosamente supervisionados. A manipulação da informação se torna, portanto, um dos alicerces da pedagogia da ignorância. Foucault (1971, p.8-36), em A Ordem do Discurso, demonstra que os discursos são controlados por procedimentos externos (proibição, rejeição, sistemas históricos), internos (comentário, autor, disciplinas) e pela rarefação (sociedades do discurso e doutrinas). No âmbito educacional, a fala do educador funciona como um meio de manipulação, carregando consigo interesses que podem desviar o senso crítico do aluno e transformá-lo em prisioneiro de uma perspectiva única.

Outro problema é a dificuldade em acessar informações de qualidade, cuja ausência intensifica práticas de ignorância. Apesar de a Lei nº 12.527/2011 garantir esse direito,



ainda existem falhas na prática, como demonstra um estudo do Jornal da USP (2022), que aponta carências nos portais de transparência. Isso afeta também a educação, que precisa de planos claros, fontes acessíveis e conteúdo transparente para garantir a qualidade da formação. Para Freire (1968, p.134), a investigação dentro de uma metodologia conscientizadora insere o indivíduo em uma forma crítica de pensar o mundo, sendo crucial que os educadores forneçam fontes honestas e incentivem o aluno à pesquisa independente, a fim de evitar a manipulação e fortalecer o senso crítico.

Contudo, a pedagogia da ignorância também se baseia na rejeição à informação qualificada. O aluno pode reagir de duas maneiras: com esforço para entender, movido pela curiosidade como uma faculdade inquisitiva (Orione, 2022, p.211), ou pela recusa, negando informações confiáveis e comprovadas. Röhr (2007, p.62) observa que essa recusa pode levar à assimilação superficial ou à rejeição completa. No campo psicanalítico, a recusa assume dimensões como o narcisismo projetado em ideais externos (a “mãe fálica”) ou como rejeição de realidades traumáticas. Assim, o aluno preso a um ideal pode negar qualquer informação que o contradiga, tornando-se um propagador de falácias. Esse mecanismo de defesa, ligado ao trauma social, reforça ainda mais a prática da ignorância.

Em conclusão, a pedagogia da ignorância emprega a manipulação discursiva, a fragilização do acesso à informação e a recusa como métodos de alienação, tornando imprescindível que a prática pedagógica seja acompanhada de cuidado psicológico e de estratégias para estimular o senso crítico, a fim de evitar que alunos em formação sejam envolvidos por práticas ocultas que os transformem em seres ignorantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CRÍTICA COMO BASE PARA EDUCAÇÃO E FERRAMENTA DE COMBATE

A "Pedagogia da Ignorância", uma forma prejudicial de educar, só pode ser superada se desenvolvermos o pensamento crítico, uma habilidade inata que precisa ser incentivada desde cedo e aprimorada sempre. Dermeval Saviani, em "Escola e Democracia" (1981), revela como as "teorias não críticas" (tradicional, nova e tecnicista) justificam a exclusão social pela falta de conhecimento, rejeição ou incapacidade, apresentando soluções distintas: a pedagogia tradicional atua por meio do ensino e da



disseminação do saber (p.5); a pedagogia nova visa à adaptação social pela aceitação (p.7); e a pedagogia tecnicista foca na formação de pessoas eficientes para impulsionar a produção (p.11). A Pedagogia da Ignorância, por sua vez, reúne todos esses fatores de exclusão — ausência de clareza, aversão ao diferente e falta de originalidade — e, por isso, precisa ser combatida com o pensamento crítico, que assegura educação, inclusão e sucesso.

Nesse sentido, a postura crítica do aluno em formação é o principal instrumento contra atitudes ignorantes, pois revela fragilidades, propósitos e convicções implícitas. Contudo, como adverte Freire (1993, p.64), a crítica não pode ser irresponsável ou superficial: é fundamental conhecer a fundo o que se critica, ser preciso e basear-se em um conhecimento forte. Desse modo, a capacidade de análise, quando praticada com seriedade e responsabilidade, se torna o alicerce da educação e o principal meio de combater a Pedagogia da Ignorância.

REFERÊNCIAS

- RÖHR, F. Reflexões em torno de um possível objeto epistêmico próprio da Educação. **Pro-Posições**, v. 18, n. 1, 2016.
- Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Franco, M. A. R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.97, n.247, 2016.
- Bomfim, Thiago. Prefeita joga fora livros doados a biblioteca em SC: 'Porcaria'. UOL, 2024.
- Manipulação de imagem, ética e suas fronteiras. Revista Instaarts.
- Bagega, Chariane. SALAS TEMÁTICAS: ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGEM. Seminário de Iniciação Científica do Curso de Pedagogia (SEMIC), 2014.
- Gohn, Maria da Glória. Educação não formal e cultura política, 1999.
- FIGUEIREDO, Leonardo de Oliveira; ZEM LOPES, Aparecida Maria; VALIDORIO, Valeria Cristiane; MUSSIO, Simone Cristina. Desafios e impactos do uso da Inteligência Artificial na educação. **Educação Online**, v. 18, n. 44.
- Han, Byung-Chul. Infocracia: Digitalização e a crise da democracia, 2022



Matos, Lucas Pereira. A ALEGORIA DA CAVERNA E SEU MITO HOJE. Revista Pandora Brasil, n.34, p.68-78, Setembro de 2011.

Foucault, Michel. A Ordem do Discurso, 1970.

Dados governamentais relativos à Lei de Acesso à informação ainda são de difícil alcance ao cidadão. Jornal da USP, 2022.

Freire, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 1968.

JOSÉ DE MACEDO ORIONE, E. . Os paradoxos da curiosidade em Rousseau. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 209–224, 2022.

Saviani, Dermeval. Escola e Democracia, 1981.

Freire, Paulo. Política e Educação, 1993.

